

Vozes da vulnerabilidade: Como mulheres conectam o cotidiano aos Objetivos Globais de Desenvolvimento

Alessandra Bueno

Em Santo André, pesquisadores realizaram oficinas com mulheres do Morro da Kibon para traduzir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 para a realidade local. O objetivo foi conectar metas globais às experiências vividas cotidianamente por essas participantes, revelando como pobreza, falta de acesso e desigualdade de gênero moldam saúde e bem-estar, e destacando a urgência de políticas públicas integradas e sensíveis à realidade local.

A Agenda 2030 no chão da comunidade

A Agenda 2030, adotada pela ONU em 2015, propõe 17 ODS para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir paz e prosperidade. No cerne dessa agenda está o princípio de “Não Deixar Ninguém para Trás”, que exige atenção especial aos grupos mais vulneráveis. Aplicar esses objetivos em comunidades de extrema vulnerabilidade requer compreender os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) — condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem e trabalham, que impactam diretamente sua saúde.

Desigualdade de gênero: um fator multiplicador de riscos

Para as mulheres, a situação é ainda mais complexa. A desigualdade de gênero atua como determinante social estrutural, ampliando riscos à saúde. Normas sociais, papéis de gênero e estruturas de poder desiguais limitam o acesso à educação, emprego digno, autonomia financeira e serviços de saúde de qualidade. Isso as expõe a maiores taxas de violência, doenças crônicas e problemas de saúde mental.

As oficinas buscaram dar voz a essas experiências, reconhecendo a interseccionalidade — como gênero, raça, classe e território se interligam para moldar a vida das mulheres.

Carolina Maria de Jesus e os ODS: diálogo com a realidade

A metodologia foi inspirada na pedagogia de Paulo Freire, valorizando o saber e a realidade das participantes. Trechos do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, foram usados como ponto de partida, gerando identificação imediata. Em seguida, os ODS foram apresentados de forma acessível, e as participantes discutiram a quais objetivos cada trecho se conectava.

ODS 1 (Erradicação da Pobreza), 3 (Saúde e Bem-Estar), 5 (Igualdade de Gênero) e 6 (Água Potável e Saneamento) foram os mais mencionados, com a pobreza emergindo como eixo transversal.

O desafio do cuidado e a luta por autonomia

Um dos achados mais marcantes foi a questão do cuidado infantil. Muitas mulheres participaram das oficinas acompanhadas de filhos pequenos, evidenciando a falta de creches e de redes de apoio que permitissem participação plena em atividades sociais e educacionais. Estima-se que 2,28 milhões de crianças de 0 a 3 anos no Brasil ainda não têm acesso a creches adequadas, sobrecarregando mulheres e limitando sua autonomia econômica, impactando diretamente os DSS.

Além de pobreza e saúde, temas como educação, gênero e acesso à água foram constantemente mencionados. O desejo de ter “mais voz” junto a políticos e serviços públicos destacou a importância da participação e da autonomia.

Conectando o local ao global

As oficinas demonstram que a Agenda 2030 não é distante, mas reflete lutas diárias de mulheres em comunidades vulneráveis. Ao conectar ODS às vivências locais, essas mulheres compreendem melhor seus direitos e tornam-se agentes de mudança, capazes de identificar e reivindicar transformações necessárias para um futuro mais justo. O estudo reforça a necessidade de políticas públicas construídas a partir da escuta ativa e do reconhecimento das realidades locais, garantindo que o princípio de “Não Deixar Ninguém para Trás” seja prática concreta, e não apenas ideal.